

## O segundo dia. Lendas, sonhos, narrativas.

Seixas, 24 de agosto de 2012

Desci as escadas do quarto da residencial S. Pedro onde ficamos hospedados e fui contemplar o nascer do dia junto à piscina onde espevitei lentamente com a ajuda de um cigarro, preparando-me para o que estava para vir. O céu carregado de nuvens escuras pressagiava uma etapa difícil, bem diferente do primeiro dia em que o sol nos acompanhou desde o Porto até Caminha, onde chegamos já noite escura, à conta de uma valente almoçarada e da demanda (vitoriosa) pelas famosas clarinhas, em Fão.

Depois do pequeno-almoço, o frenesim costumeiro: o habilitar das bicicletas para a jornada, o teste aos meus alforjes, rompidos na véspera, o fulano que ainda não está pronto e beltrano que reclama pontualidade na saída. Por fim estávamos os oito prontos e extremamente motivados.

Havia que chegar cedo ao ferryboat para evitar uns



valentes Kms até Valença, totalmente desnecessários porque a jornada ia ser longa e o tempo parecia não querer colaborar, o que se veio a confirmar pois mal desembarcamos em La Guardia onde, pedalando paralelamente ao Atlântico, o Caminho da Costa assume a sua verdadeira essência,



começou a chover. Uma chuva miudinha e

persistente, acompanhada de um vento que também nos fez frente.



Ainda não o sabíamos, mas havia de ser assim até Pontevedra, onde iríamos pernoitar.

Portanto, sorvemos de um trago as belíssimas paisagens e povoações por onde passamos com exceção da bela Santa Maria de Oia, terra de lavradores e pescadores que ficou bem documentada em fotografias. Já o azul-turquesa do mar de As Mariñas por pouco não ficou registados apenas nas nossas retinas.

Depois de Baiona onde almoçamos como Reis



Seguiram-se Sabaris, Ramallosa, Nigrán, Coruxo, Coia, a complicada Vigo onde nos viríamos a desencontrar e onde já depois de reagrupados contemplamos do cimo da montanha os formidáveis viveiros de marisco na ria de Vigo, origem provável do nosso providencial almoço.

Passamos por Teis e antes que chegássemos a Trasmaño, no meio de um enorme descampado avistei uma pequena e solitaria igreja de estilo românico, ladeada por um casebre em já em ruinas.



Num pequeno jardim que servia de antecâmara à entrada, fechada, alguns sarcófagos em granito jaziam ao acaso. Duas imponentes palmeiras ladeavam a ermida e sob a copa de uma delas, aproveitando uma trégua celestial encontrei Marie, também ela bicigrina, que lia, fazendo uma pausa no seu *Camiño*.

-Bom dia.

-Bom jour.

-Ah!... Vous êtes français?!

O *oui*, temperado com uma musiquinha, os olhos verdes, as duas tranças ruivas e os peitos proeminentes que se adivinhavam ríos atuaram como um visgo que imobilizaram ali o *daraoped@lista*.

Também rumava em direção a Santiago de Compostela, mais atraída pela aventura do *Camiño* e das surpresas que este proporciona do que pela fé.

Contou-me que não viajava só e que a sua companhia seguia adiantada, como eu naquele instante. Que aterrara no Porto e que também pernoitaria em Pontevedra.

Mas o tempo tem o seu tempo e ademais os meus companheiros já se avistavam, em fila, vestidos de negro com os jérseis conquistados para o efeito no último Luso-galaico. Era, portanto, tempo de lhe desejar um *Bom Camiño*, que ela retribuiu com sua voz doce e sedutora; e a chuva miudinha e fria turbou-nos de novo o caminho.

Ainda faltava muito até que chegássemos ao destino. Depois de Cerdeira seguiu-se Redondela onde visitamos o albergue, passamos Arcade, Figueiredo, que nos recebeu já vestida de noite e finalmente percorremos a longa reta que conduz ao centro de Pontevedra.

De tão molhados, os nossos corpos já não reagiram às mangueiradas de água fria que numa estação de

serviço à entrada da cidade nos retirou a lama das roupas enegrecidas.

Mais apresentáveis, dirigimo-nos ao Hotel Ruas, previamente reservado, não por acaso mas porque tinha uma cave capaz de albergar as oito bicicletas. E foi curioso interromper a *movida*, irrompendo pela sala de jantar adentro, com as respetivas ao ombro como verdadeiros peregrinos: molhados, sujos, com frio e com fome por entre o glamour dos comensais.

Depois dos mais que merecidos banho quente e jantar, seguiu-se o obrigatório passeio em conjunto pela cidade, trajando irrepreensivelmente de igual,



De regresso ao hotel, antes do descanso dos guerreiros, foi tempo para o que aprouvesse a cada um: atualizar o facebook, telefonar para casa, ver notícias, planear o dia seguinte, ou simplesmente, como eu, afundar-se numa poltrona da sala de estar, nostálgico, lamentando a decisão prévia e sábia de ter fumado naquela manhã o meu último cigarro quando uma voz que eu não pensara mais ouvir me dirigiu um efusivo *bonsoire*.

- Olá. Não pensei que nos fossemos encontrar aqui, respondi-lhe novamente no meu francês, já um pouco esquecido, mas que ela compreendeu bem.

Ficamos à conversa até que um bocejo a fez lembrar que o seu quarto era o local mais confortável para estar depois de um dia inteiro a pedalar e despediu-se com um *Cen vingt quatre* que murmurou enquanto se afastava num passo solitário.

Atento e bom entendedor, aquelas meias palavras bastaram para perceber que outro leito podia ser o meu naquela noite.

Reagrupados na camarata do hotel, os intrépidos aventureiros tiraram à sorte uns papelitos numerados de dentro de um saco que determinaria aleatoriamente quem dormiria onde e com quem. Isto porque havia mais pedalistas que camas e é sabido que nestas

circunstâncias há quem prefira dormir só do que “mal” acompanhado.

Quis a sorte que o escriba ficasse numa cama de solteiro, garantia de uma noite bem dormida; mas como!? com aquele convite subliminar a toldar-lhe a tranquilidade.

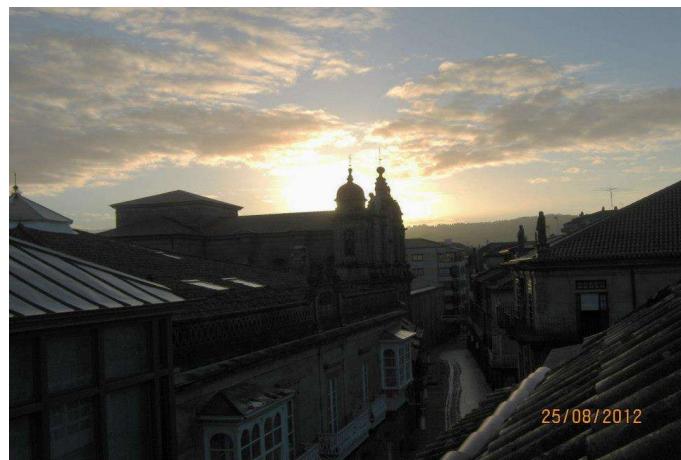
Já todos dormiam merecida e pesadamente quando a porta do quarto se abriu e se fechou quase muda.

- *Boa noite. Perdão, devo ter-me enganado no quarto,* disse, enquanto conferia de novo a numeração escrita na porta.

- *Pas de tout. Marie t'attend... Et moi aussi...*

A porta da camarata abriu-se como antes, silenciosa e conivente.

Pelo postigo do WC, enquanto vertia copiosamente um jato de urina, testemunhei o nascer do dia e os funcionários públicos zelosos a cuidarem da cidade, sem carros, com mangueiras de alta pressão, lavando as paredes e as ruas.



Tinha de repousar um pouco. O terceiro dia estava próximo e embora se afigurasse menos penoso que os anteriores ainda havia cerca de 90 Km a separar-nos do destino.

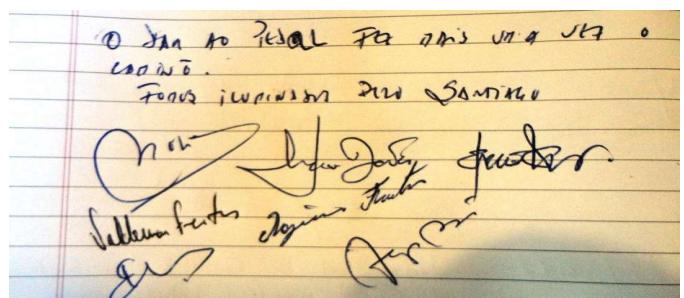


Envergamos o nosso equipamento, metemos pés nos pedais e fomos cruzando vila após vila colecionando carimbos após carimbos, que justificaram, na Oficina do Peregrino a competente certificação até que

alcançamos com júbilo a Praça de Obradoiro, ponto de encontro dos peregrinos que fazem o Caminho de Santiago. Abraçamo-nos. A missão estava cumprida.



A visita à Catedral onde repousa o Apóstolo estava reservada para o dia seguinte e seria coroada com a Missa do Peregrino, mas antes o bicigrino procurou entre os vários confessionários aquele onde podia falar na sua língua, ajoelhou-se e confessou-se.



Aos amigos que me proporcionaram uma aventura inesquecível.

Ao meu pai que me ensinou o prazer de andar de bicicleta (quantas vezes pedalamos por esses montes de Valongo) e de quem tenho muitas saudades.

Jorge Oliveira/2019